

AÇÃO HUMANA VERSUS PREDESTINAÇÃO DIVINA: OS PERCURSOS MITOLÓGICOS EM A ILÍADA E ODISSÉIA

CARVALHO, Adson Silva de
adsondecar@yahoo.com.br

MELO, Diane da Rocha
dirrocha21@yahoo.com.br

NETO, José Sotero dos Santos
sot83@hotmail.com

LIMA, Luiz Eduardo de Andrade. (Orientador)
Graduado em Letras Português – Inglês, Pós-Graduado em Educação e Literatura pela
Universidade de Brasília – UnB, Prof. do curso de Letras Português da Universidade
Tiradentes – UNIT.
leduardoalima@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho “desmistificou” a tensão existente entre as divindades e o ser humano. Foi utilizado como pano de fundo para essa abordagem literário-discursiva os poemas homéricos – A Ilíada e Odiisséia. Os mitos foram o primeiro modelo universal de verdade surgidos na humanidade, primícias discursivas em busca de tentativas para explicar a origem do mundo, dos deuses, do homem e das coisas. Direcionados pelos percursos mitológicos nas obras em análise, buscamos revelar a luta existencial do homem em face do Destino e dos demais deuses, como também, explicitamos o caráter “atemporal” dos mitos. Partindo desses pressupostos, foi possível desvendar os mistérios persistentes nas narrações míticas, tornando-as conseqüentemente menos complexas para àqueles que as apreciam.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia. Deuses. Ser Humano. Homero. Atemporalidade.

INTRODUÇÃO

Em meados do século VIII a.C foram produzidos os dois poemas épicos da Grécia antiga atribuídos pela tradição clássica a Homero. As epopéias A Ilíada e Odisséia têm como referente histórico a Guerra de Tróia, antiga cidade do litoral da Ásia. Na verdade na Ilíada a guerra é apenas pano de fundo para o poeta abordar o drama de Aquiles, tema central da epopéia. Além de símbolos de unidade e do espírito helênico, as duas obras são fontes de prazer estético e ensinamento moral.

As epopéias já citadas carregam dentro de si a responsabilidade de disseminar a cultura dos gregos antigos, explicar as origens dos fenômenos naturais e do comportamento do homem antes do progresso racional e científico. A história como um todo da Ilíada e da Odisséia apresenta riqueza e complexidade ao entrelaçar personagens e temas, é bastante romântica e de grande apelo humano, pois como todo mito grego trata-se da estória fundamental do homem e sua luta para existir em face do destino e dos deuses.

A mitologia e temas como amizade, honra, coragem, dentre outros, conduziram A Ilíada e a Odisséia a uma universalidade, visto a superação do tempo e do espaço, elevando-as ao título de obras clássicas universais.

Instigados por esta forte presença mitológica sobressaem-se uma série de questões: por que os deuses não conseguiram contornar o destino? Será que a autoridade que Zeus exerce sobre os outros deuses provém do domínio político ou do domínio social? Na relação entre as divindades e os seres humanos existe a liberdade?

A partir dos questionamentos relatados e de outras vicissitudes surgidas, desperta-nos os seguintes anseios: revelar a luta existencial do homem em face do destino e dos deuses; conhecer a limitação da competência dos deuses condicionada aos desígnios do Destino; embevecer a sociedade atual por meio da cosmogonia grega retratada nas epopéias; refletir sobre a nobreza de certas virtudes: a honra, o patriotismo, o heroísmo, o amor, a amizade, a fidelidade, a hospitalidade.

A mitologia apresenta uma gama de complexidade que perpassa as origens das tradições da nossa civilização. Sendo assim, intrigados pelas constantes interferências das divindades mitológicas na vida do homem, por meio da análise das obras clássicas A Ilíada e a Odisséia, que representam nossa herança literária grega, refletiremos acerca da dicotomia fantástico x real, presente no mundo mitológico.

É pertinente ressaltar que imbuídos pela amplitude da ação mitológica na obras analisadas, o presente trabalho discorrerá suas reflexões limitando-se muitas vezes ao Ciclo do Peloponeso, que constitui uma larga península no sul da Grécia que abriga muitas cidades que exerceram papéis fundamentais, tanto na mitologia grega como na própria história grega.

Na Antiguidade o homem procurava de alguma forma desvendar as modificações causadas nos corpos pela ordem natural existente. Portanto ele não conseguia dar esclarecimentos sobre os fenômenos. Em consequência, passou a julgar como entidades superiores, os fenômenos: noite, dia, terra, céu, mar...considerando-os posteriormente como sendo deuses, denominados respectivamente – Noite, Hemera, Gaia, Urano e Netuno. A partir daí, é impulsionado a criar história de forma poética e penetrante, relatando irrefletidamente o mundo que o cerca. Contadas de geração a geração, essas histórias começaram a apresentar particularidades religiosas,

possibilitando um enfoque com credibilidade que as elevariam posteriormente a categoria de mitos.

Por outro lado, as histórias contadas a partir de guerras obtêm o nome de mitologemas.

DEUSES__ Na concepção greco-romana, os deuses eram entidades superiores imortais, estabelecidas pelo homem como resposta ideológica aos mistérios da natureza e da vida. Concretizavam-se sob a forma de mito. Embora tivessem o princípio da imortalidade, personificavam as qualidades e os defeitos humanos. Podiam ser questionados e até escarneados, sem que isso representasse uma atitude sacrílega. Classificavam-se em divindades primordiais: Caos, Terra, Eros, Érebo, Céu, Noite, Éter, Dia, Mar, Titãs, Ciclopes, Hecatônquiros; divindades dos ventos: Bóreas, Zéfiro, Euro, Noto e Éolo; divindades das águas: Oceano, Nereu, Proteu, Ninfas, e deuses fluviais; divindades alegóricas: Justiça, Fortuna, vitória, Paz, Amizade, Sabedoria, Verdade, Prudência, Liberdade. (GRIMAL, 1993, p.49)

O mito do Minotauro foi um dos mais contados na época da Grécia Antiga, passou de geração em geração, principalmente de forma oral, era uma maneira dos gregos ensinarem o que poderia acontecer àqueles que desrespeitassem ou tentassem enganar os deuses. O Minotauro – touro de Minos, com cabeça e cauda de touro num corpo de homem, povoou o imaginário dos gregos, levando medo e terror. Conta o mito que ele nasceu em função de um desrespeito de seu pai a Poseidon¹. O rei de Minos, antes de tornar-se rei de Creta, havia feito um pedido ao deus para que ele se tornasse rei. Poseidon aceita o pedido, porém pede em troca que Minos sacrificasse em sua homenagem, um lindo touro branco que sairia do mar. Ao receber o animal, o rei ficou tão impressionado com sua beleza que resolveu sacrificar um outro touro em seu lugar, acreditando que o deus não percebesse. Muito bravo com atitude do rei, Poseidon resolve castigar o mortal.

O mito é o relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais, é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo. Os mitos não são apenas tentativas de penetrar nos mistérios da natureza física ou da ordem sobrenatural, mas também produtos de

¹ Irmão de Zeus, deus do mar e de todo elemento líquido. Por um desentendimento havido com o rei de Tróia, passou a perseguir constantemente os troianos e a apoiar os gregos, com exceção de Ulisses, que cegara o filho Polifemo. (D'ONOFRIO, 2002, p.30)

determinadas circunstâncias históricas e sociais. Segundo Mircea Eliade (ELIADE, 2004, p.22), pode-se dizer que o mito constitui a História dos atos dos Entes sobrenaturais, que se refere sempre a uma “criação”, contando como algo veio a existir, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; essa razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos pois conhecer os mitos equivale a conhecer a origem das coisas e conseqüentemente dominá-las e manipulá-las à vontade.

E na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, ou seja, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico, é ilógico e irracional, presta-se a todas as interpretações, com isso, passa a ser indispensável numa ligação íntima entre a humanidade e os deuses, aparece e funciona como intervenção simbólica entre o sagrado e o profano, condição necessária à ordem do mundo e as relações entre os seres.

Entre as preocupações comuns à mitologia e a religião se encontram não só a origem dos deuses “teogonias”, do mundo “cosmogonias” e do homem, como também a sobrevivência após a morte, a justificação dos preceitos morais e os ritos. Nos mitos “cosmogônicos” é comum encontrar nas várias mitologias a figura de um criador que, por ato próprio e autônomo, estabeleceu ou fundou o mundo em sua forma atual. Os mitos desse tipo costumam mencionar uma matéria já existente a toda a criação: o oceano, o caos ou a terra. Os mitos “escatológicos” preocupam-se com o enigma da origem, figura para o homem, como grande mistério, a morte individual, associada ao temor da extinção de todo o povo e mesmo do desaparecimento do universo inteiro. Para a mitologia, a morte não aparece como fato natural, mas como elemento estranho à criação original, algo que necessita de uma justificativa, de uma solução em outro plano de realidade.

Com o passar dos tempos várias teorias foram surgindo para tentar explicar a origem das lendas mitológicas: teoria bíblica, teoria histórica, teoria alegórica, teoria física.

Ressalta-se, porém, que a gênese mitológica é fruto de uma gama diversificada de contributos que a enriquece intensamente com um teor de eternidade, não possibilitando dessa forma que atribua-se o mérito da origem a uma teoria em particular ou a determinado grupo de homens em certo período da humanidade, visto que a carga mítica é intrínseca ao ser humano, afinal, como afirma Edgar Morin (MORIN, 2002, p.50): Somos os criadores e criaturas do reino do mito, da razão, da técnica, da magia.

As duas obras homéricas mostram uma evolução religiosa, social, econômica e política na Grécia, em um período denominado como Helenístico caracterizado pela difusão da cultura grega aos territórios que conquistavam. Momento de transição entre o esplendor da cultura grega e o desenvolvimento da cultura romana. Porém é preciso ter cuidado no uso das epopéias como fontes históricas, pois há nelas um misto de fantasia e realidade sob à capa de uma poesia encantadora.

Em um momento de maior esplendor cultural, particularmente na cidade de Atenas, do apogeu da democracia, a cidade combinou guerra e desenvolvimento. A evolução político-social é marcante, pois fatos desencandearam-se: os helenos passam a integrar a polis; politicamente os gregos evoluíram de um regime patriarcal para um regime oligárquico; economicamente tem-se a evolução do pastoreio para a agricultura; a indústria começa a renascer; a evolução religiosa é marcada pela humanização das divindades da religião, distantes e misteriosas, os heróis das epopéias possuem noções claras sobre a natureza, os deuses aparecem revestidos de formas humanas com virtudes e defeitos. Para Claude Mossé (MOSSÉ, 1984, p.41), os dois longos poemas continham em si uma súpula de todo saber dos gregos e constituíam o elemento principal da formação e da integração do indivíduo no contexto social.

Através dos poemas homéricos pode-se perceber que havia três formas de se obter aquilo que pudesse faltar: através da troca de oferendas, das expedições de pilhagem e das trocas comerciais. O dinheiro é apenas meio de troca, e não índice de riqueza. Esta é medida só por bens materiais, hectares de terra e animais. Dado a escravatura, descobre-se desde a época homérica, a origem de tal prática e esses escravos geralmente eram mulheres e acabavam consideradas como de casa. No que diz respeito à família, sua estrutura era patriarcal. Não havia lei, ela vinha do rei e emanava de sua cabeça, também não havia impostos. A ameaça externa criava unidade, ante o perigo de invasão os chefes de família uniam-se diante do senhor que os congregava e democraticamente tomavam as decisões do caso. A Guerra de Tróia, por exemplo, pode ser considerada uma confederação de príncipes e cidades movidos por um interesse capaz de uni-los, união que ocorre sem a perda da diversidade. Deve-se conferir um interesse particular à organização política que irá subsistir até o fim da Antiguidade: a cidade-estado com os seus magistrados, herdeiros da antiga autoridade real, com o seu conselho e sua assembléia.

O período helenístico foi marcado pelo grande desenvolvimento cultural: da história, com Políbio; da matemática e da física, com Euclides, Eratóstenes e Arquimedes; da astronomia, com Aristarco, Hiparco, Seleuco e Heráclides; da geografia, com Posidônio; da medicina, com Herófilo e Erasítrato; e da gramática, com Dionísio Trácio. Houve a evolução do espírito filosófico para o individualismo moralista. Com o avanço do cristianismo, a civilização helenística passou a viver o paganismo para resistir à nova religião.

Atualmente ainda discute-se de forma rigorosa sobre a origem e unidade dos gregos. Essa lacuna existencial reflete em uma Grécia constituída a partir de um vasto arsenal de

dialetos e culturas, por meio da mestiçagem com as populações mais antigas que lá se encontravam como as tribos de origem indo - européia.

Por sua vez, Homero consciente da importância que a diversidade possui no mundo grego, faz uso constante da mesma nas obras, consideradas posteriormente como testemunho da união por interesse sem perda da diversidade. Além da linguagem poética composta por traços dos diferentes dialetos, Homero mostrará também como o diverso está presente nas crenças e práticas religiosas, levando-nos a entender o sentido do politeísmo grego.

Partindo do pressuposto de que na Grécia nunca existiu algum tipo de livro sagrado, que fornecesse a versão autorizada sobre qualquer assunto, percebe-se que a mitologia é a única fonte de explicação para alguns fatos, criando-se a partir daí a falsa impressão de que o mito é uno e imutável. É necessário que se construa uma visão dos mitos gregos como um campo discursivo aberto capaz de desenvolver interpretações diversas no tempo e no espaço. Por esta amplitude que o mito apresenta tanto na escrita como na pintura e escultura, pode-se concretamente relatar sobre a existência de “mitografias”.

Essa abertura discursiva que emana das mitografias possibilita que para algumas versões mitológicas tenham-se somente textos, para outras um aparato de textos e imagens e em alguns casos só imagens. Contudo, independentemente da via discursiva utilizada, “o que se descobre são mentes e corações inquietos, que nos legaram um variadíssimo repertório de textos, imagens e idéias. Provavelmente porque, como afirmou Machado Assis, a diversidade é o próprio espírito grego”. (cf. BRANDÃO, 15p.)

As duas fantásticas obras homéricas, apesar de serem alvos de inúmeros questionamentos², ultrapassam os limites do tempo e surpreende quem as lê. O modelo épico de narrar tem nas epopéias de Homero as suas primeiras manifestações. São caracterizadas por apresentarem uma atmosfera maravilhosa, em que os fatos históricos passados são regados a mitos, muitos heróis, deuses. A *Iliada* é um relato épico cheio de grandeza e de heroísmo narra uma série de acontecimentos que marcaram o último ano da guerra de Tróia, o título da obra deriva do nome grego de Tróia Ílion. A epopéia é composta por 15.693 versos em hexâmetro dactílico que é o formato tradicional da épica grega. Enquanto que a *Odisséia* é um poema de nostos (palavra grega que significa “regresso”) dividindo-se também em 24 cantos e contém 12000 versos hexâmetros entremeados de narrações de viagens e de aventuras maravilhosas.

A *Iliada* é formada pela rapsódia (o étimo significa “costura”) dos cantos que tratavam da briga de Aquiles e Agamêmnon, de batalhas entre gregos e troianos, de intervenções de deuses pró ou a favor ora de um ora de outro litigante, da amizade de Aquiles para com Pátroclo, da confecção das armas de Aquiles, do catálogo dos navios gregos, da luta mortal entre Aquiles e Heitor, dos funerais de Pátroclo e Heitor, do amor paternal de Priamo. A *Odisséia* é essencialmente o canto da volta acidentada do herói grego Ulisses para sua terra de origem, após a destruição de Tróia. Mas dentro desta história encaixante, existem as narrações de outras histórias encaixadas, talvez objetos de cantos épicos antigamente separados. (D’ONOFRIO, 2000, 28p.)

Em sua *Arte Poética*³, Aristóteles afirma que a epopéia deve apresentar pensamentos e beleza de linguagem e todos esses méritos Homero foi o primeiro que os teve à disposição e os empregou de maneira conveniente. Cada um dos dois poemas é composto de tal maneira que a *Iliada* é simples e patético e a *Odisséia* oferece uma obra complexa, onde abundam os reconhecimentos, e um estudo dos caracteres. Além disso, em estilo e pensamento, seu autor supera os demais poetas.

² essas indagações ficaram conhecidas como Questão Homérica, que tratava da autoria, da data de composição e do modo de composição de *A Iliada* e da *Odisséia*.

³ARISTÓTELES. *Arte Poética*. Tradução Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004. p.84

Nas duas epopéias atribuídas a Homero a presença dos deuses é essencial para o desenrolar dos fatos, a gênese da *Ilíada* e da *Odisséia* é marcada pelas intervenções das divindades. A todo o tempo os deuses interferem e tomam partido pelos seus prediletos ou mostram-se divididos quanto às suas preferências.

Segundo D’Onofrio o autor de *A Ilíada*, para não cair na inverossimilhança, coloca como narrador dos fatos épicos a própria divindade. “Canta, ó deusa a cólera de Aquiles, filho de Peleu, que incontáveis males trouxe às hostes dos aqueus. Muitas almas de heróis desceram à casa de Hades e seus corpos foram presa dos cães e das aves de rapina, enquanto se fazia a vontade de Zeus.”(HOMERO, 9p.). De outra forma deveria atribuir a um ser humano as prerrogativas da onipresença e da onividência, essenciais para a percepção das ações desenvolvidas em ambientes diversos, inclusive na morada dos deuses, o Olimpo, conhecendo também os sentimentos e pensamentos dos seres humanos e divinos que participaram dos episódios. D’Onofrio ainda afirma que este fingimento é indispensável para que o canto épico tome um semblante de realidade. Pretende-se que a ficção seja vista como não ficção. *A Ilíada* ao tempo que revela a atividade coletiva dos gregos primitivos em ampliar seus domínios, ressalta valores individuais enquanto características marcantes de personagens que se tornaram cânones humanos.

D’Onofrio salienta que a exemplo de *A Ilíada*, na *Odisséia* o autor invoca a divindade protetora dos poetas para que se digne contar para ele façanhas divinas e humanas. “Canta para mim, ó deusa, o varão industrioso que depois de haver saqueado a cidadela de troade, vagueou errante pó inúmeras regiões, visitou cidades e conheceu o espírito de tantos homens. Deusa, filha de Zeus, conta-nos, a nós também, algumas destas façanhas”. (idem, 8p.). Percebe-se que o poeta detém para si a responsabilidade de relatar para os ouvintes as

revelações da deusa, fazendo jus à concepção do poeta “vate”, cujo canto é inspirado pela divindade. O trecho inicial também enfoca a proposição, isto é, a síntese do assunto, objeto do poema: “ o varão industrioso”. Além disso, exprime-se o sentido do título do poema – Odisséia, que narra as aventuras de Odisseu, nome grego de Ulisses. Vale ressaltar que a riqueza didática deste poema encontra-se na abertura para o conhecimento de um mundo novo e maravilhoso.

É perceptível no poema que convergem paralelamente narrativas das aventuras fantásticas de lotófagos, ciclopes e sereias, ao lado da descrição de episódios realísticos que ocorreram nas cortes das cidades de Esparta, de Pilos, de Esquéria e de Itaca. Elenca-se ainda que “acima das aventuras maravilhosas, gozadas ou sofridas pelo herói em regiões estranhas está o desejo da volta ao lar e da reconquista de seu patrimônio material e espiritual”.(cf. D’ONOFRIO,2000, 55p.)

A presença mítica nas obras analisadas transfigura-se em sustentáculo para focar uma visão potente e iluminada da linguagem poética que transmite minuciosamente as relações entre os homens e os deuses. É pertinente ainda ressaltar que o discurso apresentado nas epopéias homéricas ultrapassa os limites da interiorização e da abstração conceitual, ao passo que eleva-se por meio da exteriorização e do exame das imagens concretas, que sinalizam o modo de agir das divindades. As duas obras exalam o fascínio mitológico através de um ângulo tão peculiar que repercute positivamente no confronto entre o fantástico e o real, tornando-se indissolúvel à reflexão acerca da mitologia de qualquer povo ou entidade sem um viés que conduza à inesgotável riqueza dos poemas homéricos.

Ao analisar-se a grandiosidade literária, ratifica-se que as obras épicas transcendem os limites do tempo e do espaço. Paralelamente, em nível espiritual e antropológico dignifica-se

um profundo e abrangente enfoque do homem e do mundo. Logo, por esse arsenal poético que tornou-se o divisor de águas para a Grécia e demais civilizações, A *Ilíada* e a *Odisséia* serão por toda a eternidade um prelúdio para posteriores produções.

O conhecimento prévio da mitologia grega é essencial para o entendimento das duas obras. Pode-se perceber claramente as relações de proteção entre deuses e homens no campo de batalha e entender a ligação entre o poder do rei e as atitudes religiosas do período em questão. A extensa linhagem entre deuses e homens remonta a Zeus³ direta ou indiretamente e essa condição de herdeiros das divindades retrata a ligação entre o sagrado e o poder, pois a maioria dos protegidos são reis e por isso torna-se o representante dos deuses entre os homens, um mediador.

Todo o lado mítico da guerra pode ser explicado pela genealogia de seus principais integrantes. O Ciclo de Peloponeso evidencia de modo marcante a estirpe que liga o humano ao divino. Agamenon, rei de Argos e de Micenas, líder da expedição grega a Tróia e seu irmão Menelau, rei de Esparta, descendem de Zeus por meio de Tântalo, Pelops e Atreu. Ulisses, rei de Itaca, é constantemente auxiliado pela deusa Atena⁴ e é chamado de *isotheos* (igual aos deuses). Aquiles⁵ pode ser considerado semideus, pois é filho do rei Peleu com a deusa Tétis. Helena, filha de Leda e de Zeus, tendo este se apaixonado por sua mãe, transformou-se em cisne e com ela teve quatro filhos, encerrados em dois ovos divinos.

³ A maior divindade do mundo greco-romano, considerado por Homero o pai dos deuses e dos homens. O mito de Zeus exprime o arquétipo do chefe de família patriarcal. (D'ONOFRIO, 2002, 29-30p.)

⁴ Deusa da guerra e da sabedoria, junto com seu irmão Apolo, simboliza as características principais da civilização helênica: o triunfo da verdade, da inteligência, da harmonia, do equilíbrio sobre a barbárie, a orgia, o mistério. (op. cit. 31-32p.)

⁵ Protagonista da *Ilíada*, foi imerso ao nascer, no rio infernal Estige, cujas águas o tornaram invulnerável, a não ser no calcanhar pelo qual foi segurado. Na *Ilíada*, além de seu valor bélico é exaltado seu sentimento de honra, pelo qual pode ser considerado o primeiro cavaleiro do mundo ocidental. Antes de sua ida à Tróia sua mãe profetizou que ele poderia escolher entre dois destinos: lutar em Tróia e alcançar a glória eterna, mas morrer jovem ou permanecer em sua terra natal e ter um longa vida, porém ser logo esquecido. Mesmo conhecendo a vontade do Destino Aquiles vai à Tróia e morre gloriosamente atingido no calcanhar. (op. cit. 45p.)

Através de um desses ovos nasceu Helena nascida de Zeus e imortal, acredita-se também que Leda era o apelido de Nêmesis, a implacável deusa da vingança e do castigo. Helena sendo filha dessa deusa, teria levado assim todo o sofrimento e a destruição para Tróia através de sua beleza.

Por conta dessa genealogia, os deuses em Homero misturam-se aos mortais, seja combatendo ao lado deles, seja protegendo-os. As motivações dos deuses são de ordem pessoal, suas atitudes exprimem simpatias e antipatias em relação a este ou àquele herói. Os deuses escolhem seus favoritos e expressam sua ajuda das mais variadas formas. Chegam ao ponto de pegarem em armas e lançarem-se na batalha para defender seus protegidos. Zeus, Hera a augusta de grandes olhos, Poseidon, Atena a virgem dos olhos brilhantes, Hefesto o ilustre coxo e Hermes o mensageiro, optaram por tomar partido pelos gregos. Afrodite, Apolo, Artemisa, Ares e por vezes o próprio Zeus estão do lado dos troianos.

Assim, Aquiles maltratou em sua ira Heitor, semelhante aos deuses, mas os deuses bem-aventurados sentiram piedade ao ver tal coisa e incitaram o matador de Ares a furtar o cadáver. Isso agradou todos os outros, mas não a Hera, Poseidon e a virgem dos olhos brilhantes que continuavam, como desde o princípio, a odiar a sagrada Ílion e Príamo e seu povo, por causa da fatal loucura de Alexandre, que ultajou as outras deusas, quando foram ao seu aprisco, e levou aquela que exaltava sua desgraçada luxúria. (HOMERO, 262-263p.)

Independentemente das ações dos deuses em relação aos seus protegidos, nenhuma das divindades nem mesmo o próprio Zeus poderia lutar contra a força do Destino, que sempre devia realizar-se. A guerra que opõe gregos e troianos foi provocada pela promessa feita a Páris⁶ por Afrodite, que mesmo protegido por essa deusa não pôde fugir dos desígnios do

⁶ Páris (combatente), chamado também Alexandre, era filho de Príamo, e de Hécuba, Pouco antes do seu nascimento, sua mãe sonhou que dava à luz uma tocha. Páris seria a causa da destruição de Tróia. Apesar da decisão de Prámo e Hécuba de livrarem-se da criança abandonando-o no monte Ida, o destino teria de cumprir-se: o bebê não morre. Adulto, é designado por Zeus a ser juiz da disputa entre três deusas, Afrodite, Atena e Hera, acerca da posse do pomo da Discórdia, lançado pela deusa Èris “para a mais bela”. Paris entregou o pomo a Afrodite que lhe garantiu a posse da mulher mais bela da terra. Então apaixonou-se por Helena, esposa do rei Menelau e durante a ausência deste os dois fugiram para Tróia, fuga que ocasionou a famosa guerra.

implacável Fado⁷.

Os poemas homéricos são marcados por um jogo de oposição entre a divindade e o homem, principalmente quando interroga-se sobre a consciência individual e as possibilidades de decisão. É tão intensa e freqüente a intervenção dos deuses na ação humana, que se deseja negar toda a existência de decisões próprias às personagens homéricas. Todavia, vale salientar que essas personagens universais possuem personalidade em grau elevado, constatando-se pelo fato das obras subsistirem ao longo de milênios em meio a tantos questionamentos.

Contraopondo-se a essa assertiva, considera-se deus e o homem nas suas relações mútuas, a partir de três antinomias. Proximidade e distância é o primeiro dos pares de antinomias. Os deuses utilizam-se de diversos artifícios para relacionar-se com os homens: mensageiros, sinais, em forma humana ou até com uma vestimenta flutuante. O pólo oposto à proximidade familiar é a distância insuperável para a qual a cada instante os deuses estão dispostos a repelir os homens. A segunda antinomia é favor e crueldade. À medida que estes deuses conferem favores aos seus prediletos, esta benevolência pode transformar-se por outro lado, em pura crueldade. Atribui-se como terceira antinomia a arbitrariedade e a justiça. Questiona-se neste ponto a moralidade dos deuses homéricos. (cf. LESKY, 1971, 87-88p.)

A acção divina e a vontade humana que sempre estão intimamente associadas à essência das figuras, apresentam-se-nos como duas esferas que se completam mutuamente, mas que também podem chegar a contrapor-se. Em geral, é tal a maneira como ambas intervêm no desenvolvimento e no resultado final, que não é lícito isolar uma delas. A aliança destas duas esferas no mundo homérico é totalmente irreflectida e não problemática. (op. cit. 1971, 93 p)

⁷É uma divindade cega, inexorável, nascida da Noite e do Caos. Todas as outras divindades estão submetidas ao seu poder. Em resumo o Destino é essa fatalidade segundo a qual tudo acontece no mundo. Zeus, o mais poderoso dos deuses, não pode aplacá-lo, nem favor dos deuses, nem a favor dos homens. (cf. PUGLIESI, 2005, 37p.)

Homero ao buscar a veracidade desse confronto entre a ação humana e a predestinação divina, concentra-se nas símiles que conferem densidade e cor aos acontecimentos e às figuras, apego à imagem, à apresentação concreta e visual, que permite enxergar os acontecimentos narrados como se estivesse diante de um quadro, possibilitando o entendimento dos fatos de forma integral e verossímil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contemplarmos narrativas míticas como A Iliada e Odisséia, percebe-se que envolto aos fatos fabulosos existem fagulhas de racionalidade, visto que tanto o mito quanto a razão buscam construir uma justificativa às constantes peripécias que circundam a existência humana, dando-lhe um certo conforto e tranquilidade, surgindo a partir daí a hipótese que mito e razão se completam mutuamente.

Partindo do pressuposto de que o homem hodierno encontra-se em crise existencial que brota do sentimento de dependência, fruto da própria sociedade que inspira em seus próprios membros angústias e inseguranças, uma vez que a racionalização e o cientificismo não preencheram o vazio ocasionado pelas experiências religiosas, nota-se que estamos na era do retorno ao sagrado. Portanto, os mitos permanecem vivos e presentes em nosso meio, porém apresentam-se com “uma roupagem nova”. Dessa forma, muitos mitólogos e historiadores alegam que os mitos são “atemporais”, isto quer dizer que eles resistiram e resistem através dos tempos sem perder suas características.

O ser humano necessita de experiências que transcendam a realidade e que sejam capazes de satisfazer a sede por algo infinito. Essa necessidade é universal e inerente à raça humana, ora os fatos históricos nos mostram que em todos os povos e nações existiram e existem experiências ligadas aos mitos. Em suma, as relações míticas jamais deixaram de permear o ambiente em que o homem convive, com efeito, a afirmação que os deuses nunca nos abandonaram torna-se concreta e verdadeira perante a contínua busca dos homens por entes sobrenaturais.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A arte poética**. Tradução Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004. 159p.

Biblioteca entre livros: textos fundamentais para ler e guardar. Edição Especial 1. Duetto.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**: estudo sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 1998. 334p.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura ocidental**: autores e obras fundamentais. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000. 527p.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução Pola Civelli. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. 179p.

FERREIRA, José Ribeiro. **A Grécia antiga**: sociedade e política. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992. 279p.

HOMERO. **A Ilíada**: em forma de narrativa. Tradução e Adaptação Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Ediouro. 275p.

_____. **Odisséia**. Tradução e Adaptação Marques Rebelo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. 149p.

LAMAS, Maria. **Mitologia geral**: o mundo dos deuses e dos heróis. Lisboa: Estampa, 1983.

LESKY, Albin. **História da literatura grega**. Tradução de Manuel Losa. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971. 933p.

Mitologia: História Viva: Duetto

MORIN, Edigar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2002. 50p.

MOSSÉ, Claude. **A Grécia arcaica de Homero a Ésquilo**. Tradução Emanuel Lourenço Godinho. Lisboa: Edições 70. 1984. 230p.

PUGLIESI, Marcio. **Mitologia greco-romana**: arquétipos dos deuses e heróis. 2 ed. São Paulo: Madras, 2005. 268p.

